



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**HENRIQUE FUSQUINE**

**(depoimento)**

**2003**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpendo Memórias  
**Número da entrevista:** E-45  
**Entrevistado:** Henrique Fusquine  
**Nascimento:** Não informado  
**Local da entrevista:** ESEF/UFRGS  
**Entrevistadores:** Luanda Dutra e Berenice Rolim  
**Data da entrevista:** 14/11/2003  
**Transcrição:** Luanda Dutra.  
**Conferência Fidelidade:** Vicente Cabrera Calheiros  
**Copidesque:** Ana Maurmann  
**Pesquisa:** Marco de Carvalho  
**Fitas:** (01 fita) 45/01-A e 45/01-B  
**Total de gravação:** 50 minutos  
**Páginas Digitadas:** 23  
**Catálogo:** Vera Maria Sperangio Rangel  
**Número de registro:** 01958/2008/01  
**Número de registro da fita:** 01958/2008/01  
**Observações:**

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

FUSQUINE, Henrique. *Henrique Fusquine (depoimento, 2003)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2008.

## **Sumário**

Envolvimento inicial com a natação e depois com o remo; envolvimento com clubes; competições que participou; envolvimento com a Federação: cargos e funções que desempenhou; apoio da família; nomes importantes do remo; período de ascensão do remo; visibilidade na mídia, público; declínio do remo; dificuldades encontradas; projetos para o parque náutico; perfil dos remadores da época; participação de negros e mulheres no remo; envolvimento com arbitragem.

Porto Alegre, 14 de novembro de 2003. Entrevista com Henrique Fusquine, a cargo das entrevistadoras Luanda Dutra e Berenice Rolim, para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

L.D. - Então, seu Henrique Fusquine, o senhor pode começar nos dizendo que dia o senhor nasceu, o dia de seu aniversário?

H.F. - Bom, eu iniciei a minha agenda esportiva em 1939. Eu comecei a participar do esporte, isso no Clube de Regatas Almirante Barroso<sup>1</sup>. Em 40 eu fiz a minha primeira competição de natação, tem ali uma medalha ali, foi em 1940, aí 1941, fiquei nadando. Eu fiz a travessia de Porto Alegre<sup>2</sup> duas vezes, não sei se tu conheceu, ficou sabendo como é que era? Saía adiante da ponte até o cais central.

L.D. - Tinha que ter fôlego.

H.F. - É. Aí, eu em 1941 eu comecei a cuidar dos remadores do Barroso, naquela época o auge do remo era o Barroso. Vinha guarnições da Argentina, tinha regatas internacionais e eu era curioso e ficava olhando como é que, como é que remavam, aí foi indo até 1944 em 1945 eu fui servir na Aeronáutica, na época da Guerra. Nesse período eu fui para Rio Grande<sup>3</sup>, para a cidade de Rio Grande, aonde eu comecei também a praticar natação no Clube de Regatas Rio Grande, lá na cidade. Fiz duas travessias de São José do Norte<sup>4</sup> ao Rio Grande e fiquei até 1947 em Rio Grande, aonde eu conheci a minha esposa, naquela época. Aí em 1947 eu vim a Porto Alegre, dei baixa e voltei ao esporte, novamente no Barroso. Aí um dia lá eu estava na rampa assim, olhando as guarnições saído para remar e tinha uma guarnição famosa, Engole Vidro, não sei se tu ouviu falar?

L.D. - Engole Vidro.

---

<sup>1</sup> Clube de Regatas Almirante Barroso. Fundado em 26 de fevereiro de 1905 a partir de uma dissidência de associados do Ruder-Club Germania que foi fundado em 29 de outubro de 1892.

<sup>2</sup> Capital do Estado do Rio Grande do Sul

<sup>3</sup> Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

<sup>4</sup> Cidade litorânea do Estado do Rio Grande do Sul

H.F. - Era uma guarnição famosa e faltou um remador naquele dia para remar e o Engole Vidro<sup>5</sup> para me sacanear, disse assim: “Fusquine, tu vai remar conosco hoje!”. Eu nunca tinha remado! Eu só olhava e via como é que eles faziam. E dizia assim: “Vamos dar uma voltinha aí”. E eu fiquei, para tu ver, eu era magrinho e eu fiquei com a orelha ardendo. Entrei na guarnição tal, saímos e ele foi até o SACS do Capitão Roberto<sup>6</sup>. No sei se tu já ouviu falar nisso?

L.D. - SACS? Não!

H.F. - Era uma ilha de um famoso capitão Roberto, então a gente fazia aquela excursão todos os fins de semana até lá. Dava mais ou menos vinte e cinco quilômetros daqui da sede até lá. Eu saí, naquela época que eu remei, peguei gosto pelo remo. Cheguei quase morto na volta. Comecei a remar, naquela época nós tínhamos a guarnição de duro, não era remado, remava só de corpo. Era centro fixo, como era chamado. Fizemos uma guarnição, ganhei já a primeira prova de saída e mais duas ou três provas de principiante, que era em gig. Aí um dia, o óleo de ovo<sup>7</sup>, tinha um treinador lá que se chamava Carlitos, dizia assim: “Fusquine, vamos fazer uma dupla, tu e o óleo de ovo”. Era o Walter Karl, ele era um baita de um homem. Aí nós fizemos a dupla e ele tinha a mania de observar o andamento do barco com uma espécie de um pauzinho na água. Pega, bota água, tinha correnteza. Então, ele media a correnteza com o andamento do barco e via se tinha progresso ou não. Então nós saímos remando. Dizia: “Ah, vai dar certo!”.

L.D. - Pelo pauzinho ali?

H.F. - É, não. Vai dar certo! Aí continuamos treinando e na primeira prova, nós ganhamos, que era com esse timoneiro, o Cunha. Isso já foi em 1950. Em 1951 nós fomos ao Rio de Janeiro<sup>8</sup>, ao Campeonato Brasileiro e perdemos por uma bobagem. O timoneiro tinha mania de correr por alcance, deixava as guarnições dispararem, tipo cavalo de corrida de corrida, que tem confiança. Mas não deu tempo de ganhar, aí tiramos segundo lugar. Aí em

---

<sup>5</sup> Carlos Chiapetti

<sup>6</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>7</sup> Walter Gehrardt Hubert Karl

<sup>8</sup> Cidade Brasileira

51, voltamos, formamos um oito e fomos campeões na cidade de São Paulo<sup>9</sup>, 25 de janeiro e campeões das forças armadas. Que são essas duas medalhas...

L.D. - Que ano?

H.F. - 51. Essa vitória nos deu o direito de representar o Brasil no pan-americano em Buenos Aires<sup>10</sup>, no oito. Mas como nós tínhamos dois elementos do oito, que um era polaco e a Argentina não aceitava estrangeiros, não deu o visto. E o outro em solidariedade a ele, também não foi. Então nosso barco enfraqueceu, assim mesmo nós fomos lá, perdemos a eliminatória, aí formamos essa guarnição de dois. Foi aonde nós conseguimos um segundo lugar. Aí desde ali a minha história veio sempre com vitória, até 1955 que fui laureado pelo Barroso. Em 55 eu me desentendi com um colega de guarnição. Eu era muito, como é que se diz, persistente no meu... Por exemplo, eu morava lá na rua Felicíssimo de Azevedo<sup>11</sup>, eu vinha correndo de lá até a rua São Pedro<sup>12</sup>, para pegar o bonde das cinco horas da manhã, para chegar no clube, para poder remar as cinco e meia. Então eu era persistente, fazia tudo pelo esporte, deixava inclusive a minha família, tudo em segundo plano. Aí eu me desentendi com ele e eu fui suspenso, eu e o outro remador, mas o outro remador era muito amigo do presidente, ficavam jogando carta junto. E eu não podia entrar no clube, porque naquele tempo a suspensão, ficava suspenso, não podia entrar. Meu pai, que era muito... Era uma espécie assim de protetor do clube, não achou direito aquilo. Por que eu não podia entrar e o outro ficava jogando carta com o presidente? Fui convidado por um outro Henrique, Henrique Carlos Dalen, em 55, para ir para o União<sup>13</sup>. Eu fui para o União, em 56 ganhei uma prova, pela primeira vez o União ganhou essa prova comigo. Remamos até 62, na classe, daí passamos para master. Ganhei uma porção de provas até... Nesse período que eu estava no União, eu comecei a ser diretivo, fui primeiro diretor de remo do União, durante dois anos, depois a outra gestão, eu fui para Presidência de Patrimônio da Ilha do Pavão do União. Inclusive eu fui laureado também pelo União, com um diploma lá de remo. Comecei a participar na direção da Federação de

---

<sup>9</sup> Cidade Brasileira

<sup>10</sup> Capital Argentina

<sup>11</sup> Rua de Porto Alegre

<sup>12</sup> Rua de Porto Alegre

<sup>13</sup> Grêmio Náutico União - Originário do Ruder-Verein Freundschaft (Sociedade de Regatas Amizade) fundado em 1906. Em 29 de abril de 1917 passa a se chamar Grêmio Náutico União.

Remo, como diretor, dirigente. Eu fui quatro vezes vice-presidente, eu nunca quis ser presidente, porque o meu trabalho como vice-presidente era mais necessário do que presidente, aí o senhor Luíz Rovinski, foi nosso presidente. Nessa época de 1974, 1975, 1976, 1977 nós fizemos as maiores regatas internacionais que Porto Alegre já viu. Então eu trabalhava mais como vice do que como presidente. Fomos diversas vezes ao Rio para pedir dinheiro, aquela briga sempre de pedir coisa. Nesse meio tempo eu fiz um curso de árbitro, fui... Passei para árbitro estadual, depois eu fiz um curso de árbitro nacional e aí depois eu fiz um outro curso internacional. Nesse meio tempo então, eu era árbitro de regata. Inclusive tem ali os jogos escolares brasileiros, a participação, na época, uma época boa. Aí eu continuei sempre na direção e no meio tempo remando também como veterano, até uns dez anos atrás eu remava ainda. 1990 noventa e poucos, depois eu parei.

L.D. - Seu pai remou? O senhor disse que ele era protetor do clube.

H.F. - Não. Não, na época eu tinha dinheiro. [risos] Nós tínhamos uma firma do lado do Barroso, então o Barroso vivia sempre de esmola, por assim dizer, porque os associados pagavam o mínimo para sustentar o clube. A minha família na época, nós morávamos a cem metros do clube e nos campeonatos estaduais a minha mãe fazia a janta para os remadores, então nós tínhamos uma equipe assim, de quinze mais ou menos e a minha mãe fazia a janta, porque eles não... Eram pobres, tinham uns que nem almoçavam. Então aqueles pratos deste tamanho de massa com tatu e salada. Levava para lá, nós dávamos. Naquela época era assim. Eu, por exemplo, na natação ganhava um copo de leite e uma rapadurinha, aquela de goiabada, com é que chama? Tem um nome que dão...

B.R. - Mandolate?

H.F. - Não. Mariola! Até hoje ainda tem, era o nosso premio pelos treinos, então terminava o treino, a gente ganhava um copo de leite e uma mariola.

L.D. - O senhor dormia lá no clube ou dormia... Tinha gente que dormia?

H.F. - Não. Tinha os irmãos Franzen<sup>14</sup>, não sei se já falaram? Os irmãos Franzen dormiam no clube, os irmãos Helerbert<sup>15</sup> também. Esta turma, mas eles não tinham nada, não ganhavam nada, só dormiam, uns trabalhavam, outros não. Até tinha um que era o Lauro<sup>16</sup>, era um alemão grande, ele comia uma dúzia de bananas e um litro de leite de meio dia. Que ele estava pintando a purrinha do Barroso, que tinha naquela época. Isso era a comida dele e de noite então eles enchiam a barriga com massa. [risos] Então a essa história assim que a gente tinha e hoje a gente vê que tudo é por dinheiro. Essa dupla do União, que foi para o Rio, para ganhar mais, depois já não pagaram, não sei o que, depois voltaram de novo. Então hoje eles ganham, então o esporte... Não sei se está certo ou está errado, mas a gente se dedicava. Eu... Tu vê sair... Tu conhece a Felicíssimo de Azevedo? Eu ia até ali a São Pedro correndo, para pegar o bonde das cinco horas. Naquela época era bonde. Hoje eles tem carro.

L.D. - Tem outras facilidades. Qual é a época que o senhor acha que foi forte do remo?

H.F. - Período? Tu diz nacional?

L.D. – Não, aqui, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

H.F. - O período do remo, forte assim, foi de 41 até 45. Foi onde o Barroso predominou, sempre. Depois entrou na disputa o GPA<sup>17</sup> e depois veio o Vasco da Gama<sup>18</sup>, que também começou a ter bons remadores. Aí até 55, quando eu fui pro União, o União começou a melhorar porque importou um técnico argentino, que era o Wagen<sup>19</sup>.

L.D. - Ah, o Wagen é argentino?

---

<sup>14</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>15</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>16</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>17</sup> Club de Regatas Guaíba-Porto Alegre - Em 28 de novembro de 1936, o Club de Regatas Porto Alegre (antigo Ruder-Club Porto Alegre) fundiu-se com o Club de Regatas Guahyba (antigo Ruder-Verein Germania), resultando o Club de Regatas Guaíba-Porto Alegre, o GPA. Manteve-se como data de fundação a do Ruder-Club Porto Alegre (21 de novembro de 1888) razão pela qual o GPA é considerado o clube de remo mais antigo do Brasil.

<sup>18</sup> Clube de Regatas Vasco da Gama, fundado em 28 de janeiro de 1917.

<sup>19</sup> Nome sujeito a confirmação

H.F. - Aí o União começou a formar guarnições boas, inclusive os ilheiros, que era uma turma que moravam da ilha, e eles remavam muito caíque. Então eles tinham uma força tremenda, não preparo físico, mas orgânico para remar, aí então em 55 o União deslanchou e os outros clubes pararam.

L.D. - Aí em 55 o domínio do União...

H.F. - É, aí o União começou a predominar e o Barroso foi terminando, o GPA pouca coisa e o Vasco da Gama praticamente terminou. Aí ficou só União e como o período de remo de classe, nós tínhamos desde 1936, que era o Arno Franzen, que foi o voga de um oito nas olimpíadas, na Alemanha.

L.D. - Foi Munique ou Berlim?

H.F. - 1936, aí depois nós tivemos em 48 a dupla Pérsio Zancani<sup>20</sup> e Paulo Dibold<sup>21</sup>, que foram na olimpíada de Londres, depois disso o Rio de Janeiro se adonou também, porque eles levavam os remadores daqui para lá, então enfraquecia aqui e fortalecia lá.

L.D. - O senhor nunca recebeu nenhum convite para ir para lá?

H.F. - Foi, em 51 nós recebemos um convite para remar no Clube de Regatas Vasco da Gama, que naquela época era denominada a Gaiola de Ouro, porque eles tinham uma sede na Lagoa Rodrigo de Freitas, muito bonita, naquela época era um palácio. Quem me convidou foi o presidente, o senhor Oswaldo Aranha, na época era presidente do Vasco, não ele, mas por intermédio dele, nos convidou para ir remar lá, mas aí o Óleo de Ovo não quis, apegado à família aqui, a mãe e coisa, ele não quis e sozinho eu...

B.R. - Tu não ia.

H.F. - Não adiantava ir porque...

---

<sup>20</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>21</sup> Nome sujeito a confirmação

L.D. - O senhor acha que os remadores daqui do Rio Grande do Sul iam para lá por causa da ascensão social?

H.F. - Não iam pelo dinheiro. O cara ia ter amor ao Vasco da Gama ou ao Flamengo sendo aqui, se formaram aqui? É que é vantagem, e Rio de Janeiro naquela época era o Rio de Janeiro. Então eles recebiam convite, até hoje, se convidar, eles vão, dando aquilo que eles...

L.D. - O remador do Rio Grande do Sul, recebia... Tinha destaque assim no Brasil, era respeitado tipo os remadores do Rio Grande do Sul, eram respeitados, eram de grande competitividade?

H.F. - Eram porque a gente sempre dava um sufoco neles, na época era o Book, não sei se tu já ouviu falar? Era um dos maiores treinadores de remo que o Flamengo tinha, mas ele convidava o pessoal para ir, na cara dos dirigentes daqui. Aí não tinha um critério desses era bom iam daqui ou um da Bahia, algum remador que se destacasse, no nordeste era muito pouco, mas tinha na Bahia, no Espírito do Santo, tinha bons remadores.

L.D. - E o senhor... Quem assistia essas regatas era muita gente? Bom dia! [neste momento entra uma terceira pessoa servindo café].

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

L.D. - Pode falar!

H.F. - As nossas regatas na época de 40 até 74, sempre teve um bom público, por exemplo, na minha época de 42, 43 tinham grandes campeonatos. Quando eu morava a cem metros do clube às oito horas dava o primeiro foguete, avisando que a regata daqui a quinze minutos ia dar início. Eu ficava louco, eu ajudava minha mãe a limpar a casa tudo. E aí quando dava o segundo foguete, que ia dar inicio a regata, eu saía correndo. A chegada era ali no trapiche preto, não sei se te falaram?

L.D. - Falaram.

H.F. - Que era ali perto da prefeitura, era recalque aqui na Voluntários da Pátria<sup>22</sup>, aqui ficava lotado e os clubes, e era praxe também, toda regata grande tinham bailes aos domingos, o Clube de Regatas Guaíba - Porto Alegre, o Vasco da Gama, o Barroso faziam as reuniões dançantes.

L.D. - Ah, o senhor ia paras as festas então, senhor Henrique?

H.F. - Regata era um dos esportes que mais atraíam esportista.

L.D. - E o que aconteceu depois?

H.F. - É que os clubes, por exemplo, os clubes não foram se adaptando à época. Por exemplo, o Barroso, o Barroso tinha a mania de ter dinheiro em caixa, então ele se preocupava com o União. O União tinha uma sedezinha pequenininha na Voluntários da Pátria e o União começou a se expandir, veio aqui para Quintino<sup>23</sup>. Quando o União comprou aqui na Quintino, o presidente do Barroso ficou indignado: “O União vai se meter em dívida”. Ele se preocupava com o União, não com o Barroso. “Ah, porque nós temos duzentos contos na conta”. Não tinha nada, não tinha sede, só tinha um galpão. Aí resolveram fazer uma frente de material, uma sede, gastaram o dinheiro todo, ficaram devendo. Então foi aonde meu pai entrou com material, telha, tudo pra terminar a obra. E o União foi crescendo e os outros clubes sempre se preocupando com o União. Aí a pá de cava mesmo foi a retirada dos clubes daqui da Voluntários da Pátria, quando botou lá no Navegantes<sup>24</sup>, terminou, por que aquilo ali não pode ir lá.

L.D. - É muito difícil o acesso?

H.F. - Não é difícil, é perigoso, de noite tu não... Então os clubes... Os pais não deixavam os filhos freqüentarem os clubes lá, o GPA, o Vasco, o próprio Grêmio<sup>25</sup> tinha sede lá de remo. Só de dia, não tinha condução, então os clubes foram morrendo, foram morrendo e aí passaram a alugar para motonáutica. A motonáutica foi tomando conta, tomou conta do

---

<sup>22</sup> Rua do centro de Porto Alegre

<sup>23</sup> Quintino Bocaiúva, uma das sedes atuais do União

<sup>24</sup> Bairro de Porto Alegre

<sup>25</sup> Grêmio Foot-ball Porto-Alegrense, fundado em 15 de setembro de 1903.

Vasco, tomou conta do Tamandaré, tomou parte do Barroso e hoje é motonáutica. O remo no Barroso está lá por estar. E o GPA tinha um negócio de família, que mandava no clube, antigamente era os Lanzer<sup>26</sup>, então passava de pai para filho e não dava chance do clube se expandir. Ficava naquele grupinho da família, aí depois apareceu lá um presidente meio loucão que fez aquela sede, nós chamávamos de elefante branco na época. Não sei se tu conhece o GPA?

L.D. - Conheço.

H.F. - Hoje até eles diminuíram os portões, porque era uma coisa excomunal e o GPA continua ainda com aquele grupinho.

L.D. - Herança familiar.

H.F. - Não, grupinho. Eles se formam um grupo ali e eles tem uma raiva do União impressionante. Eu, por exemplo, era o bode expiatório do GPA, porque tudo que era de ruim era eu que fazia porque eu era do União, e eu sempre fui isento. Quando eu fui vice-presidente da Federação junto com o Rovinski, nós éramos isentos, se nós tínhamos que tomar uma atitude contra o Barroso, que era o clube do Rovinski, nós tomávamos. Se tinha que tomar uma atitude contra o União, nós tomávamos. Então eles achavam que a gente protegia o União. E até hoje, o União quer fazer aquela raia olímpica, não sei se disseram para vocês? Isso vem há anos, e curiosamente quem era diretora do IBAMA<sup>27</sup>, IBAMA? Era filha do Lanzer, que era do GPA.

L.D. - Aí complicou.

H.F. - Então ela complicava. Por ela dizia que ali era a raia do União, de fato! Em parte é do União, foi o União que fez aqueles primeiros 1500m, foi às custas do União. Porque lá nos Navegantes, não tem mais condições de se remar lá. E o GPA ficou com inveja, aí se unem o GPA, o Vasco.

---

<sup>26</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>27</sup> Instituto Brasileiro do Meio Ambiente

L.D. - E o Barroso?

H.F. - E o Barroso e o Tamandaré<sup>28</sup> que não participam, mas de vez em quando bota um lá só para ganhar voto, contra o União. Então por isso que essa raia nunca saiu. Mas essa raia não é do União, essa raia é para o remo do Rio Grande do Sul. Ainda vai melhorar muito. Quando a gente poder trazer clubes novamente do exterior para participar de regatas. Hoje está tu vai numa regata, tu vê quatro cinco guarnição do União numa prova. Porque não tem ninguém! Por que o União não pode fazer uma raia? Não está prejudicando ninguém, pelo contrário, vai melhorar então eles começam, “porque a fauna, porque a...”. Como é que se chama?

L.D. - A flora.

H.F. - A flora. “Porque vai atingir a flora lá em cima na estrada do sol”. É estrada do sol essa nova. Lá em Maquiné, tu já imaginou? O que quem tem que ver a flora lá, com a drenagem de um canal aqui em Porto Alegre? E o pior que os governantes acham que eles estão certos.

H.F. - Daí fica nessa complicação e nunca sai.

H.F. - Nós na época... Nossa Federação, a nossa idéia era fazer a raia olímpica onde é o Parque Marinha do Brasil<sup>29</sup> hoje. Naquela época. E eu tinha um acesso muito fácil junto às autoridades, porque quando eu ia pedir alguma coisa, eu dizia: “Olha, é dois minutos só”. Não perdia tempo com as pessoas, geralmente eles dizem que estão ocupados. Então, na época era o Thompson Flores prefeito da cidade. Aí nós fizemos uma planta para fazer um canal ali no Marinha do Brasil naquela área, hoje tem aquelas festas ali, tem, como é que se chama? O Gasômetro ali. Aí eu fui lá um dia, “eu quero falar com o prefeito”. Aí a, como é que se chama? Não era a secretária. Oficial de gabinete: “O senhor tem audiência com ele?”. Digo: “Não!”. “Ah, então só um pouquinho”. “A senhora vai lá e diz que quem está aqui é o Henrique Fusquini, vice-presidente da Federação”. Aí ela ia lá e ia falar com outro que era o, como é que chama? Tem o oficial e tem o...

---

<sup>28</sup> Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré, fundado em 18 de janeiro de 1903.

<sup>29</sup> Criado em 24 de novembro de 1967.

B.R. - Chefe de gabinete.

H.F. - Chefe de gabinete, uma coisa assim. Então vinha ele: “Ah, o senhor tem que marcar uma audiência”. Então eu digo: “Olha aqui, não é bem assim. Tu vai lá e diz que quem está aqui é Henrique Fusquine, vice-presidente da Federação. Se ele poder me atender, ele vai dizer que pode, se não ele vai dizer que não pode, pronto! Vai lá.” Aí ele ia lá e dizia: “Pode entrar”. Eu chegava no gabinete do prefeito e ele dizia: “Quer sentar?” e eu digo: “Não, não, prefeito, é rápido! Nós temos aqui uma plantazinha, nós temos a idéia de fazer uma raia olímpica, aqui na...” - não era Marinha do Brasil ainda - “aqui perto do Gasômetro, que ficaria aqui perto do Menino Deus<sup>30</sup>”. Nós queríamos fazer uma raia aproveitando aqueles edifícios que tinham, então uma parte do vento seria protegida dos edifícios e do outro lado seriam plantadas árvores para proteger o nordeste. Dizia ele assim: “Olha, me faz uma planta detalhada, que verba eu tenho para fazer para o canal. Eu faço o canal e o outro prefeito depois, faça as instalações: arquibancadas, banheiros!”. “Para nós serve!” Mas o Licht<sup>31</sup> foi contra, porque o Licht era partidário do Parque Náutico. Já naquela época nós queríamos sair do Parque Náutico, não tinha condições. E lá, botaria todos os clubes lá, como tem em Santa Catarina<sup>32</sup>, não sei se tu conhece lá? Em Santa Catarina tem em baixo da ponte ali. Todos os clubes, os cinco clubes tem sede ali embaixo. Nós íamos fazer no Marinha do Brasil igual, ia pegar toda aquela população do Menino Deus ali, os clubes faziam uns galpões, a sede poderia ter ficado aqui ainda. Mas, ele mandou contra...

L.D. - Não saiu o projeto.

H.F. - A idéia não foi para frente. Então até hoje se arrepende, que hoje o Parque Marinha do Brasil é um dos melhores parques. E a população da zona sul está se desenvolvendo e lá o associado do clube, o filho, o neto podiam participar do remo tranquilamente, o que não acontece aqui! Qual é o colégio que vai levar uma equipe lá pro Parque Náutico? Só com segurança! E parece que o Barroso agora fez um convênio com uma cidade aqui, como é que chama aqui, tu já deve ter ouvido falar dessa cidade aqui perto do Guaíba aqui?

---

<sup>30</sup> Bairro de Porto Alegre

<sup>31</sup> Henrique Felipe Bonnet Licht

L.D. - Guaíba?

H.F. - Não, não. Onde o Grêmio tem uma sede também?

L.D. - Guaíba, Alvorada<sup>33</sup>?

H.F. - Alvorada, Alvorada! O Barroso parece fez um convênio lá com o pessoal de Alvorada para trazer uma equipe para vim, mas não vai dar certo! Porque custa caro. Não sei como é que ficou ainda.

[FINAL DA FITA 45/01-A]

H.F. - Hoje a gurizada, o adolescente quer é prancha. Pega a prancha, põe em cima do carro, vão para praia, não tem hora, não tem ninguém para incomodar ou então o skate. Bota o skate em baixo do braço, vai aí para essas pracinhas aí, não vão se sujeitar a ir lá para ilha seis horas da manhã ou dormir lá e levantar às cinco horas da manhã para remar.

L.D. - Pois é, tem isso.

H.F. - Esse foi outro grande problema do remo, foi esses esportes individuais que levam o adolescente a ter mais, é o surf, é o skate e a prancha. Botam em cima do carro, vão lá pra Santa Catarina...

L.D. - Seu Henrique, quem é que remava, eram pessoas ricas, como eram, pessoas de todos tipos assim, não tinha...

H.F. - Como é que é?

L.D. - Quem é que remava? Assim, eram pessoas mais simples, eram pessoas com dinheiro?

---

<sup>32</sup> Estado Brasileiro

<sup>33</sup> Cidade da Grande Porto Alegre

H.F. - Ah, sim. Na nossa época era tudo operários, inclusive esse Engole Vidro ele era colocador de pastilhas. O Manoel Amorim que depois foi parceiro do 'Óleo de Ovo' no Barroso, eles foram campeões no dois-sem e no dois-com. O Manoel Amorim também era colocador de pastilhas a... Aliás, a maioria toda era operário, muito poucos comerciários, como se diz na gíria. Viviam... Saíam do trabalho para ir remar. A gente remava de noite, basicamente de noite.

L.D. - O senhor disse que começou a remar em 1939, o senhor acha que antes...

H.F. - Não, comecei a vida esportiva em 1939 e comecei a remar em 1947.

L.D. - Com quantos anos o senhor começou então?

H.F. - Ah, faz as contas!

L.D. - Ah, não sei o dia do seu aniversário!

H.F. - Com 22 anos mais ou menos.

L.D. - 22? E o senhor já acompanhava o remo antes?

H.F. - Ah, Sim! Eu vivia no clube! Naquela época que a gente... A natação. Nós tínhamos uma equipe de rosqueiro, não sei se tu sabes o que é?

L.D. - Não.

H.F. - Era um brinquedo de pega de... Brinquedo de gurizada assim, mas eram homens, o cara tinha que pegar o rosqueiro. Então a gente... Eu saía do trabalho, eu trabalhava com meu pai, do lado, eu fechava as portas ligeiro para não perder a vaga na equipe do rosqueiro, então a gente brincava até às sete da noite pulando por baixo da rampa. Naquela época a gente nadava junto com os peixes no Guaíba ali, que hoje dizem que está poluído. Então desde aquela época eu sempre fui da água.

L.D. - Como é que era esse rosqueiro, como é que é essa corrida?

H.F. - Rosqueiro tinha, como é que eu vou te explicar? Não tem esses brinquedos de pega?

L.D. - Pega-pega.

H.F. - Pega-pega é isso aí. Tinha um, tinha que pegar ele, aí se tu pegava ele, tu era o rosqueiro, tu entrava a vaga dele. Então ele se atiravam, ficavam de baixo da rampa. Era gostoso sabe? A gente ia até às sete da noite naquela época no Guaíba. E nós também depois quando começaram a construir o cais, o Barroso foi para ilha também. Fez uma sede na ilha. E nós atravessávamos o pedaço que tinha da rampa do Barroso até o muro do cais, a gente ia remando, aí quando chegava ali, o cara se atirava na água, passava o barco naqueles bueiros que tem e entrava e remava do outro. Isso no inverno, no verão, mês de julho assim, de noite. Era sacrifício mesmo, era...

L.D. - E o senhor acha que assim lá pela década de 30 o remo era eletizado um pouquinho mais do que depois, por que o senhor disse que tinha bastante operário na época que o senhor remou, antes do senhor remar o senhor, quem é que remava?

H.F. - Sim, sempre foi operário!

L.D. - Sempre foi?

H.F. - Sempre! O remo era praticado por operários e comerciários tinha poucos naquela época. Tinha operário que trabalhava na construção civil, tinha operário que trabalhava em metalúrgica, trabalhava... Era operário mesmo, era gente...

L.D. - Mesmo em 30 (1930) o senhor acha que sim, 1930 era assim?

H.F. - Hein?

L.D. - Em 1930 era assim?

H.F. - Sim! Desde da época, eu me lembro mais era da época de 36 (1936)...

L.D. - Para cima.

H.F. - Foi o Arno Franzen. Eles tudo eram operário, exceção..., exceção de 48 (1948), que foi o Paulo Diebold e o Pêrsio Zancani. O Pêrsio Zancani era funcionário do Banco do Brasil naquela época e o Paulo Diebold era... Trabalhava por conta própria. De 48 (1948) para cá começou a melhorar um pouco o nível da...

L.D. - De quem remava.

H.F. - Dos atletas. E depois de cinquenta em diante, por exemplo, o União era quase tudo estudante. Na época o União já era a classe mais...

L.D. - Abastada.

H.F. - É, por exemplo, tinha o doutor Mostardeiro<sup>34</sup>, que hoje é médico, tinha o outro que eu não me lembro o nome. Tudo já era estudante de faculdade assim, que estavam... O Elô Menezes que saiu daqui e foi para o Rio, chegou a ser diretor da Vale do Rio Doce, então já era um nível mais elevado.

L.D. - Senhor Henrique, o senhor acha que o remo... Um esportista do remo, um remador tinha destaque assim, como é que eu posso dizer?

B.R. - Status.

L.D. - Status, um status social. “Ah! Eu sou remador”.

H.F. - O grande remador tinha.

L.D. - Mas a maioria... O senhor foi um grande remador?

H.F. - Não, um grande remador, que eu digo, aqueles que tinham títulos, porque nessa época, quem, o destaque do remo era a Argentina. Então quando vinha um remador argentino o mulhêril aqui ficava louco, porque vinham aqueles baita homens, e já era gente mais socialmente evoluída do que nós, então vinha aqueles remadores, chegavam, o mulhêril ficava doido aqui. Porque eles eram mais educados, eles tinham destaque. Eram campeões sul-americanos, eram campeões mundiais, o argentino até poucos anos atrás eles dominavam o remo na América Latina.

L.D. - E o remador gaúcho, não tinha, dentro da sua própria cidade um destaque? O senhor não era reconhecido?

H.F. - O clube não tinha aquele destaque, porque o clube era, por exemplo, o Leopoldina Juvenil<sup>35</sup>. Então o destaque era o Leopoldina Juvenil, um remador não entrava no clube.

L.D. - Não?

H.F. - Não!

H.F. - O remador ficava restrito ao clube dele.

L.D. - Ah, porque os outros clubes não deixavam, porque o seu clube não deixava.

H.F. - A não ser quando tinha, por exemplo, terminava uma regata, um campeonato, ou uma regata internacional, o GPA fazia um baile, um baile não, uma reunião dançante. Então aqueles remadores que competiam iam ali, mas não tinha aquele destaque social que falaram. Alguns tinham, por exemplo, o Zé<sup>36</sup>, o Arnaldo Eagle, que era um grande remador de skiff, namorado que era uma coisa séria. Então ele... As mulheres procuravam ele pelo destaque físico, não destaque social. Os Franzen não, porque eram grosso. Eram grosso que era uma barbaridade! [risos] Então, já no Rio de Janeiro era diferente, porque lá o remo tinha mais destaque, o grande remador.

---

<sup>34</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>35</sup> Associação Leopoldina Juvenil - Clube Recreio Juvenil, fundado em 1863. Em 1941 funde-se ao Sociedade Leopoldina Porto-Alegre formando a Associação Leopoldina Juvenil.

<sup>36</sup> Nome sujeito a confirmação

L.D. - Não teve nenhum remador negro que se destacou aqui no Rio Grande do Sul?

H.F. - Aqui no Rio Grande do Sul não.

L.D. - O senhor sabe se existiu algum clube de remo negro?

H.F. - Tinha. Marcílio Dias<sup>37</sup>.

L.D. - Macílio Dias. Sabe que não tem nenhum, praticamente nenhum documento desse clube.

H.F. - Esse clube ele foi engraçado, ele foi fundado lá na Praia de Belas, o Marcílio Dias. Ele nunca competiu, era um clube de Regatas Marcílio Dias, mas não... A única vez que a gente via eles era na Procissão dos Navegantes, que eles iam a procissão como remadores.

L.D. - O senhor não lembra de nenhum nome assim... O senhor não chegou...

H.F. - Não. Não teve remador. O único remador negro que eu conhecia que foi até indicação minha numa regata que eu vi ele remando, era o Raimundo<sup>38</sup>.

L.D. - Raimundo?

H.F. - Era da Bahia. Nesses jogos brasileiros, ele participou de uma regata e eu vi ele remando, achei que ele tinha potencial para ser remador. Aí eu, falando com o Book<sup>39</sup>, disse: "Olha Book, eu vi o Raimundo remando, eu acho que ele vai dar um bom remador!".

L.D. - Que ano isso?

H.F. - Isso foi em setenta e... Quando é que foi?

L.D. - Aquele ali foi em 81 (1981), esse aqui de Brasília.

---

<sup>37</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>38</sup> Nome sujeito a confirmação

H.F. - É, nessa época e aí o Book trouxe ele da Bahia e de fato foi um dos destaques do remo.

L.D. - E as mulheres?

H.F. - Não, era um rapaz assim, quieto, muito educado, humilde. Acho que é por isso que ele conseguiu. Na Bahia tem. Na Bahia, quase tudo é preto. Até os jogadores de futebol, os outros esportes tudo é raça negra como se diz, mas não tem destaque assim no remo. Não sei porque. Nós tivemos um aqui no União, o Barata não sei se tu ouviu falar?

L.D. - O João Batista.

H.F. - É o João Batista. Era meio mulato. Ele era mais ou menos, não era um grande remador, dessa cor foi o único assim...

L.D. - E as mulheres doutor Henrique? O senhor conhece alguma mulher que remou como é que era as mulheres no remo?

H.F. - Bom, o remo feminino começou agora a pouco tempo. No União nós tivemos a Nilce Bandeira, que foi uma grande remadora, que era irmã dos Bandeira. Não sei se tu ouviu falar? Foram grandes remadores também. Mulher era poucas, depois o União terminou. Agora voltou de novo o remo, tem se destacado.

L.D. - E na sua época, quando o senhor começou a remava não tinha?

H.F. - Não, naquela época não tinha! Mal tinha barco para os homens.

L.D. - Imagina para as mulheres.

H.F. - Hoje o União é o único clube, me parece que o GPA tem uma ou duas remadoras também. Eu não sei bem, eu não tenho lido mais. Eu parei mesmo com o remo. A única

---

<sup>39</sup> Nome sujeito a confirmação

coisa que eu vou ao União é as quintas-feiras que tem o almoço dos ilheiros, então eu vou. Quando é regata eu não vou.

L.D. - Não vai mais?

H.F. - Não vou mais. A gente chega lá não tem nada só vê o União, União...

B.R. - O senhor faz parte do Panaton?

H.F. - Não. O único clube que eu tenho é o União. Eu tinha o Grêmio, que eu ia ao futebol, que eu sou sócio remido do grêmio e também não... A gente vai só para se incomodar. Então... [risos] antigamente eu ia muito até com minha filha, mas sempre dava briga e ela, muito explosiva. E eu com o meu sogro, também gostava, então nós íamos, ainda no tempo da baixada e depois no Cruzeiro<sup>40</sup>, quando tinha lá onde é o cemitério, O João XXIII. Até uma vez me incomodei, eu chamei o Foguinho de ladrão lá e ele ouviu [risos] e foi me tirar satisfação na tela. E eu nunca me esqueço, aí toda vez que ele me encontrava na rua, ele tinha uma memória... Eu ficava muito ali na Rua da Praia<sup>41</sup>, sempre ali e ele passava ali. Ele dizia assim: “Me chama de ladrão de novo!”. [risos] Aí eu digo: “Não, Foguinho esquece, aquilo foi uma...”. Ele era juiz. Naquele jogo, um jogador do Internacional<sup>42</sup> quebrou a perna de um jogador do Grêmio. E ele apitou ainda a falta contra e aí eu estava assim na tela assim: “Ô ladrão, Juiz ladrão!”. E ele me ouviu.

L.D. - Qual era o nome dele?

H.F. - Era num estádio e viu que foi eu, no meio da multidão! Aí então ele me marcou.

L.D. - Qual é o nome dele?

H.F. - Ele era muito gremista. Depois ele passou a ser árbitro, aquele tal negócio. A gente acha sempre que está prejudicando alguém.

---

<sup>40</sup> Esporte Clube Cruzeiro, fundado em 1913.

<sup>41</sup> Atual Rua dos Andradas, localizada no centro de Porto Alegre

L.D. - Senhor Henrique, teve alguma confusão assim, tipo parece que os remadores do Rio Grande do Sul nunca iam representar o Brasil em campeonatos, sei lá, em campeonatos internacionais, era sempre os remadores do Rio de Janeiro. O Rio Grande do Sul parecia que ficava meio escanteados assim.

H.F. - Não, iam. Quando os clubes tinham bons remadores, iam sim!

L.D. - É que tinha uma manchete de jornal, acho que foi em 1950 e poucos que eles estavam reclamando que não tinham...

H.F. - Não, havia uma preferência sempre pelo Rio (RJ), isso não era negado. A não ser um grande remador daqui era convocado. E depois não voltava mais. [risos] Tem um episódio, quando eu fui árbitro que eu fui apitar uma regata, Copa Norte. Copa Norte tinha uma rivalidade muito grande entre os estados. Nordeste, Pará, Bahia, Espírito do Santo<sup>43</sup>, enfim aquela... Espírito do Santo não fazia parte daquela do norte, porque ele é do centro, mas ele era convidado a participar daquelas regatas lá! E eu fui convidado para arbitrar uma regata da Copa Norte, mas não tinham me dito que tinha essa rivalidade entre eles.

L.D. - Grande!

H.F. - Aí eu fui arbitrar a regata, tal, e estava sendo disputada a hierarquia entre a Bahia e o Espírito do Santo, que eram os dois... Aí se chegou numa prova que era o quatro - sem. A guarnição do Espírito do Santo era a favorita para ganhar a prova, se ela ganhasse a prova, eles ganhavam o campeonato. Praticamente ganhava o campeonato e depois... Na saída a guarnição do Espírito do Santo veio, veio para cima da Bahia.

L.D. - Para bater no barco?

H.F. - Para bater. Aí eu parei a regata, anulei, dei outra saída, eles de novo. Para não prejudicá-los, eu não posso fazer isso. Eu digo: “Olha aqui ó, vocês estão com problema no leme, eu vou separar mais vocês para evitar uma nova colisão”. Aí na terceira saída eles

---

<sup>42</sup> Sport Club Internacional, fundado em 4 de abril de 1909.

<sup>43</sup> Estados Brasileiros

vieram de novo para cima da Bahia e quebraram o remo. Aí o Pará, não tinha nada... Não tinha nada na prova, se prontificou de dar o...

L.D. - O remo.

H.F. - O remo para ele. Eu não podia, eu tinha que desclassificar, mas como era um campeonato, o pessoal vem lá do Pará, outros vem lá não sei da onde, vem de Pernambuco. Eu dei mais uma chance para eles. Aí eu separei bem eles assim, mas não adiantou eles vieram. Bateu. Aí eu desclassifiquei, tirei eles fora da competição. Eles não quiseram sair. “Não, não vamos sair!”. Eu tinha um da CBD<sup>44</sup> na época, é o general que nós chamávamos ele... Ele disse: “Olha, Espírito do Santo sai que vocês vão se incomodar!”. “Não, não vamos sair!”. Aí, eles saíram e foram lá para última baliza, fora da raia, eu dei nova saída e eles saíram e se foram. Aquela torcida toda do Espírito do Santo festejando e tal.

L.D. - Mas não valia?

H.F. - Não valia nada. Eu cheguei lá: “A guarnição está desclassificada”. Olha, foi um fuzuê daqueles. Eu tinha um colega que era o juiz de partida, baliza, nós saímos, terminou a regata. A Bahia ganhou a outra prova, que era o oito, e ganhou o campeonato. Aí quando eu saí da lancha que eu fui para dar o relatório, veio uma turma para me bater. Eles eram fanáticos. Esse Malício<sup>45</sup> pegou um pedaço de pau e o primeiro que se aproximar vai levar uma paulada. Inclusive o presidente da Federação estava junto atijando...

L.D. - Para vim para cima de ti?

H.F. - Para bater. Aí terminou a regata, fomos para o hotel almoçar, nós estávamos assim num salão no almoço e tinha uns janelões grandes e essa guarnição veio para frente me provocar, me chamar para rua, se eu era homem para ir lá. O pessoal da mesa ali: “Faz que não vê, deixa, faz que não vê!”. Não podia sair do hotel. Eu fiz um relatório para CBR, CBD, contando o que tinha se passado. Eles foram suspensos por um ano do remo. Foi o único incidente que eu tive como árbitro.

---

<sup>44</sup> Confederação Brasileira de Desportos.

<sup>45</sup> Nome sujeito a confirmação

L.D. - Malicio? Como era o nome dele?

H.F. - Era Malicio, era carioca.

L.D. - Elo Malicio?

H.F. - Não me lembro bem o nome dele. Também morreu. Agora da turma do remo, quase toda... Morreu o Alemão que era da CBR, morreu o Almirante que era do CMD. Há pouco tempo morreu o Elo Menezes, o general esse morreu e vai... Daquela minha época [risos] está indo.

L.D. - Então seu Henrique, eu queria agradecer a entrevista, e eu queria ver da possibilidade de voltar aqui de entrevistar de novo o senhor. Se o senhor puder?

H.F. - Ah, é lógico, claro!

L.D. - E convidar o senhor pra ir lá no CEME<sup>46</sup> conhecer, se o senhor está disposto a conhecer.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

---

<sup>46</sup> Centro de Memória do Esporte